

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Texto © Sarah J. Maas, 2013

Mapa © Kelly de Groot, 2012

Esta tradução de THRONES OF GLASS #2 é publicada pela Marcador Editora por acordo com Bloomsbury Publishing Inc.
Todos os direitos reservados.

Título original: *Crown of Midnight*

Título: *Coroa da Meia-Noite*

Autora: Sarah J. Maas

Tradução: Liliana Lavado

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Ana Costa/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

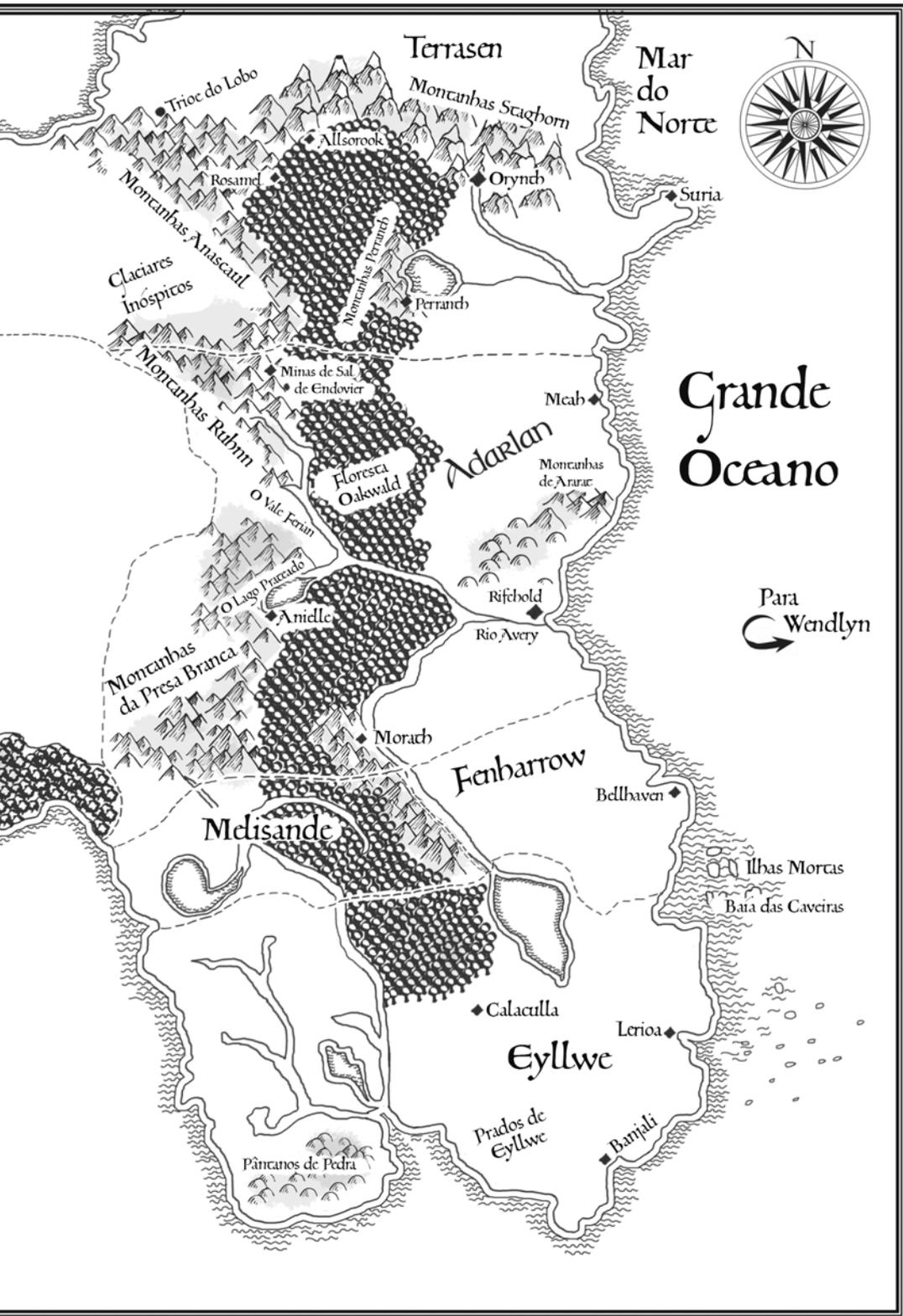
ISBN: 978-989-754-252-7

Depósito legal:

1.^a edição: novembro de 2016

Erilea





CAPÍTULO 1

As persianas a dançar ao vento foram o único vestígio que deixou ao entrar. Ninguém a viu a escalar a parede do jardim da sombria casa senhorial, e, com o som da trovoada e das rajadas de vento que vinham do mar ali próximo, ninguém a ouviu trepar pelo tubo da caleira, balançar-se até à ombreira da janela e esgueirar-se para o corredor interior do segundo andar.

Ao ouvir o bater de passos a aproximar-se, o campeão do rei encostou-se num recanto. Escondida pela máscara e pelo capuz pretos, fundiu-se com as sombras, tornando-se nada mais do que um prolongamento da escuridão. Uma serviçal passou por ela e foi até à janela aberta, cantarolando enquanto a fechava. Segundos depois, desapareceu pelas escadas, no lado oposto do corredor. A rapariga não notara as pegadas molhadas nos ladrilhos.

Um relâmpago disparou, iluminando o corredor. A assassina respirou profundamente, revendo mentalmente as plantas que tinha memorizado com muito esforço nos três dias em que vigiou a casa senhorial nos arredores de Bellhaven. Cinco portas em cada um dos lados. O quarto de *Lord Nirall* era o terceiro, à esquerda.

Pôs-se à escuta, atentamente, à procura de algum outro serviçal, mas a casa permanecia imóvel enquanto a tempestade bramava em redor.

Silenciosa e suave como um espectro, moveu-se ao longo do corredor. A porta da câmara de *Lord Nirall* abriu-se com um ligeiro rangido. Aguardou por um bramido de trovoada antes de a fechar atrás de si. Um novo relâmpago iluminou as duas figuras que dormiam na cama de quatro postes. *Lord*

Nirall não tinha mais do que trinta e cinco anos, e a sua mulher, bela e de cabelos escuros, dormia profundamente nos braços dele. O que teriam eles feito para ofender o rei a ponto de os querer mortos?

Rastejou até à berma da cama. Não lhe cabia a si fazer perguntas. O seu trabalho era obedecer. A sua liberdade dependia disso. A cada passo na direção de *Lord* Nirall, reviu o plano.

A espada deslizou-lhe para fora da bainha quase sem queixume. Respirou profundamente, preparando-se para o que se seguiria.

Os olhos de *Lord* Nirall esbugalharam-se no instante em que o campeão do rei empunhou a espada sobre a cabeça dele.

CAPÍTULO 2

Celaena Sardothien avançava pelos corredores do castelo de vidro de Rifthold. O saco pesado que levava na mão balançava a cada passo, batendo-lhe por vezes nos joelhos. Apesar do capuz escuro que lhe escondia grande parte do rosto, os guardas não a detiveram enquanto caminhava em direção à Sala do Conselho do rei de Adarlan. Sabiam bem quem era — e os serviços que prestava ao rei. Como *campeão do rei*, tinha uma posição superior à sua. Em boa verdade, eram poucos aqueles a quem devia obediência no castelo. E mais escassos ainda os que não a temiam.

Atravessou as portas de vidro abertas, com o capote a esvoaçar atrás de si. Os guardas, posicionados de ambos os lados, endireitaram-se quando a ambos lançou um aceno de cabeça ao entrar na câmara do Conselho. As suas botas pretas quase não se percebiam ao tocar o chão de mármore vermelho.

No Trono de Vidro, ao centro da sala, estava sentado o rei de Adarlan, e o olhar negro do monarca prendeu-se ao saco que lhe balançava nos dedos. Tal como havia feito nas três ocasiões anteriores, Celaena levou um joelho ao chão em frente do trono e baixou a cabeça numa vénia.

Dorian Havilliard estava de pé junto ao trono do pai. Celaena conseguia sentir-lhe os olhos safira firmados no seu rosto. Ao fundo da plataforma, como sempre, entre ela e a família real, estava Chaol Westfall, o capitão da Guarda. Dirigiu para ele o olhar, sob as sombras do capuz, absorvendo a imagem das linhas do rosto. Pela expressão que demonstrava, Celaena bem podia ser um mero desconhecido. Mas era de esperar, fazia parte do jogo de que se haviam tornado jogadores exímios ao longo dos últimos

meses. Chaol podia ser seu amigo, podia ser alguém em quem passara a confiar, mas continuava a ser o capitão. Continuava a ser o responsável pelas vidas, acima de quaisquer outras, dos membros da família real. O rei falou.

— De pé. — Celaena manteve o queixo erguido ao levantar-se e puxar o capuz para trás. O rei estendeu-lhe uma mão, e o anel de obsidiana reluziu-lhe no dedo à luz da tarde. — Está feito?

Celaena levou uma mão enluvada ao interior do saco e atirou a cabeça decepada na direção do monarca. Ninguém disse nada quando ressaltou, com um baque seco de carne rígida e em decomposição, sobre o mármore; rolou até parar ao pé do palanque, com os olhos esbranquiçados voltados para cima, para o candeeiro de vidro ornamentado.

Dorian ficou tenso, desviando o olhar para longe daquela imagem. Chaol apenas olhou.

— Deu luta — disse Celaena.

O rei inclinou-se para a frente, examinando o rosto maltratado e os cortes grosseiros no pescoço.

— Quase não o consigo reconhecer.

Celaena lançou-lhe um sorriso provocador, embora a sua garganta se tivesse apertado.

— Receio que as cabeças decepadas não se deem muito bem com as viagens. — Voltou ao saco, retirando do interior uma mão. — Aqui está o anel com o brasão. — Tentou não se focar muito na carne em decomposição que segurava, no fedor que se vinha intensificando com a passagem dos dias. Estendeu a mão para Chaol, cujos olhos cor de bronze estavam distantes quando a recolheu e a entregou ao rei. O lábio do soberano contraiu-se, mas os seus olhos observaram o anel no dedo hirto. Depois de o examinar, atirou-lho para os pés.

Ao lado do pai, Dorian moveu-se, incomodado. Quando a vira lutar na competição em seu nome, não pareceu importar-se tanto com o seu passado. O que esperava ele que fosse acontecer depois de ela se tornar no campeão do rei? Ainda assim, e apesar de tudo, compreendia o porquê de membros e cabeças cortadas embrulharem o estômago à maioria das pessoas — mesmo depois de viverem uma década sob o domínio de Adarlan. E Dorian, que nunca vira uma batalha, nunca testemunhara as filas de acorrentados a chocalhar a caminho dos pelotões de fuzilamento... Talvez ela devesse impressionar-se com o simples facto de não o ver vomitar.

— Que é feito da mulher? — inquiriu o rei, fazendo o anel rolar-lhe no dedo uma e outra vez.

— No fundo do mar, acorrentada ao que resta do marido — respondeu Celaena, com um sorriso malicioso, ao tirar do saco uma mão fina e pálida. Tinha uma aliança de ouro, com a data do casamento gravada. Entregou-a ao rei, mas este abanou a cabeça. Celaena não se atreveu a olhar para Dorian ou para Chaol enquanto devolvia a mão da mulher ao saco espesso de lona.

— Muito bem, então — murmurou o rei. A assassina manteve-se imóvel, impenetrável, enquanto os olhos dele a percorriam, ao saco e à cabeça inerte. Depois de um momento demasiado longo, voltou a falar: — Há um movimento rebelde a crescer aqui em Rifthold, um grupo de indivíduos que estão dispostos a fazer de tudo para me tirarem do trono... e que estão a tentar interferir nos meus planos. A tua próxima missão é erradicá-los e despachá-los antes que se tornem numa verdadeira ameaça para o meu império.

Celaena apertou o saco com tanta força que lhe doeram os dedos. Chaol e Dorian olharam para o rei, como se também eles estivessem a ouvir aquilo pela primeira vez.

Ela ouvira murmurinhos sobre as forças rebeldes antes de ser levada para Endovier... *Conheceu* rebeldes cativos nas minas de sal. Mas a existência de um verdadeiro movimento a crescer no coração da capital... e ter de ser *ela* a despachá-los um a um... E os planos — que planos? O que saberiam os rebeldes sobre as manobras do rei? Celaena afundou as perguntas no fundo, bem no fundo de si mesma, até não haver qualquer possibilidade de ele as poder ler no seu rosto.

O rei bateu com os dedos de forma ritmada no braço do trono, continuando ainda a brincar com o anel de Nirall na outra mão.

— São vários os nomes que constam da minha lista de suspeitos traidores... mas só te darei um nome de cada vez. Este castelo está a apinhado de espões.

Chaol ficou tenso ao ouvi-lo, mas o rei acenou com a mão e o capitão aproximou-se dela, de rosto ainda vazio enquanto estendia um pedaço de papel na direção de Celaena.

Ela reprimiu a vontade de olhar para ele quando este lhe deu a carta, embora os dedos enluvados tivessem tocado nos dela antes de se afastar. Mantendo uma expressão neutra, olhou para o papel. Continha um único nome. *Archer Finn*.

Foi necessária toda a sua força de vontade e sentido de autopreservação para se impedir de expressar o choque. Celaena conhecia Archer — conhecera-o aos treze anos, altura em que ele chegou ao Forte dos Assassinos

para treinar. Era vários anos mais velho do que ela, e era já um cortesão bastante requisitado... que precisava de algum treino para se proteger das suas clientes ciumentas. E dos maridos destas.

Nunca se importara com a paixoneta ridícula e adolescente que ela nutrira por ele. Na verdade, permitira-lhe testar o seu poder de sedução, e, na maioria das vezes, transformara-o numa confusão total de gargalhadas. Obviamente, não o via há vários anos — desde que fora enviada para Endovier —, mas Celaena nunca o viu como alguém capaz de fazer algo como aquilo. Era belo e gentil e jovial, não um traidor da Coroa a tal ponto perigoso que levasse o rei a ordenar a sua morte.

Era absurdo. Quem estivesse a dar aquelas informações ao rei era um maldito idiota.

— Só ele, ou também todos os seus clientes? — despejou Celaena.

O rei lançou-lhe um sorriso lento.

— Conheces o Archer? Não estou surpreendido.

Uma provocação... um desafio.

Ela apenas manteve o olhar nivelado à sua frente, obrigando-se a acalmar, a respirar.

— Em tempos. É um homem extraordinariamente bem guardado. Vou precisar de algum tempo para transpor as suas defesas. — Falou com cuidado, mas de forma bastante descontraída. Quando, na verdade, aquilo de que precisava era de tempo para descobrir como Archer se metera naquela confusão; e se o rei estava, de facto, a dizer a verdade. Se Archer fosse realmente um traidor e um rebelde... bem, logo o descobriria.

— Tens um mês — disse o rei. — E se por essa altura ele ainda não estiver enterrado, talvez deva reconsiderar o teu cargo, rapariga.

Anuiu, submissa, complacente, com graciosidade.

— Obrigada, Majestade.

— Quando tiveres despachado o Archer, dar-te-ei o nome que se segue na lista. — Celaena evitara as politiquices dos reinos — em especial as que envolviam as forças rebeldes — durante tantos anos, e agora lá estava, no meio delas. *Maravilhoso*. — Sê rápida — avisou o rei. — Sê discreta. O teu pagamento pelo Nirall já está nos teus aposentos.

Celaena anuiu uma vez mais, e enfiou o pedaço de papel no bolso.

O rei mirava-a. Celaena devolveu-lhe o olhar, forçando-se a fazer um canto da boca levantar, levando os olhos a brilhar com o mesmo entusiasmo das jornadas de caça.

Por fim, o rei levantou o olhar para o teto.

— Leva essa cabeça e desaparece.

E guardou o anel com o selo de Nirall no bolso. Celaena engoliu um esgar de nojo. Um troféu.

Ela pegou na cabeça pelo cabelo preto, agarrando também na mão decepada, e voltou a enfiá-los no saco. Com apenas um olhar de relance para Dorian, cujo rosto se tornara pálido, rodou nos calcanhares e saiu.

~

Dorian Havilliard manteve-se em silêncio enquanto os serviçais arranjavam a Sala do Conselho, arrastando a mesa gigante de carvalho e ordenando as cadeiras ao centro. Teriam uma reunião do Conselho dali a três minutos. Mal se dera conta de que Chaol se retirara, dizendo que pretendia aprofundar algumas informações com Celaena. O pai rosnou a sua aprovação.

Celaena matara um homem e a mulher deste. E o seu pai dera a ordem. Dorian mal conseguira olhar para qualquer um dos dois. Acreditara ter sido bem-sucedido na tentativa de convencer o pai a reavaliar as suas políticas de brutalidade depois do massacre dos rebeldes em Eyllwe em vésperas do Yulemas, mas, pelo que lhe parecia agora, não fizera qualquer diferença. E Celaena...

Logo que os serviçais acabaram de arranjar a mesa, Dorian deslizou para o seu lugar usual, à direita do pai. Os conselheiros começaram a chegar, entre eles o duque Perrington, que se dirigiu de imediato ao rei e começou a murmurar, demasiado baixo, sem que Dorian o conseguisse ouvir.

Dorian não se incomodou a dirigir uma palavra fosse a quem fosse, e ficou apenas a mirar o jarro de água à sua frente. Havia pouco, Celaena não parecera ela mesma.

Na verdade, desde que fora nomeada campeão do rei, dois meses antes, estava daquela maneira. Os vestidos belos e ornamentados tinham desaparecido, substituídos por túnicas pretas austeras, e por calças, com o cabelo puxado para trás numa trança longa que lhe caía entre os foles do capote escuro que usava sempre. Aquela mulher era um belíssimo espetro... e, quando olhava para ele, Dorian quase deixava de saber sequer quem era.

Dorian olhou para a porta aberta, por onde Celaena desaparecera escassos momentos antes.

Se conseguia matar pessoas daquela maneira, ainda teria sido mais fácil manipulá-lo e fazê-lo acreditar que sentia alguma coisa por ele. Torná-lo

num aliado — fazê-lo *amá-la* o suficiente para enfrentar o pai em favor dela, para garantir que seria nomeada campeão...

Dorian não conseguia concluir o pensamento. Iria visitá-la — talvez no dia seguinte. Só para ver se havia alguma possibilidade de estar errado.

Mas o príncipe não conseguia evitar especular sobre se alguma vez teria significado alguma coisa para Celaena.

~

Celaena caminhou rapidamente e em silêncio ao longo dos corredores e das escadas, contemplando o percurso que se tornara familiar pelos esgotos do castelo. Era a mesma fonte de água que fluía no seu túnel secreto, embora ali cheirasse bem pior, graças ao refugo que os serviçais lá descarregavam quase de hora a hora.

Os passos dela, e depois um segundo par — os de Chaol —, ecoavam na longa passagem subterrânea. Mas ela não disse nada até parar à beira da água, olhando as várias arcadas que se abriam para ambos os lados do rio. Não estava ali ninguém.

— Então — disse, sem olhar para trás —, vais dizer olá ou vais só andar a seguir-me para todo o lado? — Voltou-se, para o ver, de saco a balançar da mão.

— Ainda ages como campeão do rei ou estás de volta como Celaena?

À luz das tochas, os olhos de bronze dele cintilavam. Era óbvio que Chaol notaria a diferença — ele notava tudo. Ela não se conseguia decidir se isso lhe agradava ou não. Especialmente quando havia uma certa amargura por detrás das palavras.

Percebendo que ela não lhe respondia, perguntou:

— Como estava Bellhaven?

— Como sempre está.

Ela sabia precisamente o que ele queria dizer... Queria saber como corra a missão.

— Ele lutou? — O queixo moveu-se, indicando o saco na mão dela.

Celaena encolheu os ombros e tornou a voltar-se para o rio escuro.

— Nada que eu não conseguisse resolver.

Atirou o saco para o esgoto. Ficaram ambos a olhar, em silêncio, enquanto veio à tona e depois submergiu lentamente.

Chaol aclarou a garganta. Ela sabia que ele odiava aquilo. Quando partira para a sua primeira missão — para um estado numa zona elevada

na costa de Meah —, ele deambulava tanto em vaivém antes de ela partir que a fez pensar que lhe ia pedir que não fosse. Quando ela voltou, com uma cabeça decepada a reboque e rumores a circular sobre o assassinato de *Sir* Carlin, ele precisou de cerca de uma semana até a conseguir olhar nos olhos. Mas o que esperava ele? Ela não tinha escolha.

— Quando vais iniciar a tua nova missão? — perguntou.

— Amanhã. Ou depois de amanhã. Preciso de descansar — acrescentou rapidamente, quando ele começou a franzir a testa. — Além do mais, só me vai levar um dia ou dois para descobrir o quão protegido está o Archer e decidir qual será a minha abordagem. Com sorte, nem vou precisar do mês que o rei me concedeu.

Com sorte, Archer teria algumas respostas sobre como o seu nome fora parar à lista do rei e sobre quais eram, exatamente, os *planos* que o rei mencionara. Celaena decidiria depois o que fazer com ele.

Chaol parou ao lado dela, ainda a fitar a água imunda. O saco fora apanhado pela corrente e seguia à deriva em direção ao rio Avery e ao mar além dele.

— Gostava de te fazer algumas perguntas.

Ela elevou uma sobrancelha.

— Não vais pelo menos levar-me a jantar primeiro?

Os olhos dele semicerraram-se, e ela fez-lhe beicinho.

— Não estou a brincar. Quero os detalhes do que aconteceu com o Nirall. — Ela empurrou-o para o lado com um sorriso, limpando as luvas nas calças antes de voltar a subir as escadas. Chaol segurou-a pelo braço. — Se o Nirall resistiu, então pode haver testemunhas que ouviram...

— Ele não fez barulho nenhum — disparou Celaena, sacudindo-o, para se libertar, e marchando de seguida, escada acima. Volvidas duas semanas de viagem, só queria *dormir*. Até o percurso para o quarto lhe parecia uma peregrinação. — Não precisas de me *entrevistar* agora, Chaol.

Ele voltou a impedi-la de avançar no patamar sombrio, com uma mão firme sobre o ombro dela.

— Quando partes — disse, com a luz distante de uma tocha a iluminar-lhe as zonas rugosas do rosto —, *não faço ideia* do que está a acontecer contigo. Não sei se estás ferida ou se apodreces numa valeta algues. Ontem, ouvi um rumor de que tinham apanhado o assassino responsável pela morte do Nirall. — Aproximou o rosto do dela, as palavras saíram-lhe roucas: — Antes de chegares hoje, pensei que se estavam a referir a *ti*. Estava prestes a ir até lá eu mesmo para te encontrar.